

O espaço urbano do bairro e o impacto nas relações sociais de idosos: uma revisão narrativa da literatura

The neighborhood urban space and the impact on the social relationships of the elderly: a narrative review of the literature

El espacio urbano em el barrio y el impacto en las relaciones sociales de los ancianos: una revisión narrativa de la literatura

Mariana Alves da Silva do Nascimento
Maria Luisa Trindade Bestetti
Deusivania Vieira da Silva Falcão

RESUMO: O objetivo deste artigo foi apresentar uma revisão narrativa de literatura sobre a relação entre o meio urbano e as relações sociais na velhice. Foram utilizados seis artigos da base de dados Urban Studies Abstracts. A análise dos estudos demonstrou que as condições ambientais do bairro podem influenciar as relações sociais de seus moradores idosos, intensificando o isolamento dos sujeitos quando carece de recursos, e promovendo a socialização quando oferece oportunidades para o caminhar e a troca social.

Palavras-chave: Idoso; Relações Sociais; Espaço Urbano.

ABSTRACT: *The purpose of this article was to present a narrative review of the literature on the relation between the urban environment and social relationships in old age. Six articles from Urban Studies Abstracts database were used. The studies' analysis showed that the neighborhood's environmental conditions can influence the social relations of its elderly residents, intensifying the isolation of the subjects when it lacks of resources, and promoting socialization when it offers opportunities for walking and social exchange.*

Keywords: *Elderly; Social Relationships; Urban Space.*

RESUMEN: *El objetivo de este artículo fue presentar una revisión narrativa de literatura sobre la relación entre el medio urbano y las relaciones sociales en la vejez. Se utilizaron seis artículos de la base de datos Urban Studies Abstracts. El análisis de los estudios demostró que las condiciones ambientales del barrio pueden influir en las relaciones sociales de sus habitantes mayores, intensificando el aislamiento de los sujetos cuando carece de recursos, y promoviendo la socialización cuando ofrece oportunidades para el caminar y el cambio social.*

Palabras clave: *Ancianos; Relaciones Sociales; Espacio Urbano.*

Introdução

À medida que a população envelhece globalmente, a sociedade, a ciência e o governo passam a se preocupar com as condições de vida dessa população. No Brasil, conforme os dados do IBGE (2014), o grupo composto por pessoas acima de 60 anos foi o que mais cresceu no país, sendo 13,7% da população total, e as projeções indicam cerca de 18,6% da população total em 2030, e 33,7% em 2060. A título de ilustração, São Paulo passou de 6,29% de idosos em 1980 para 13,92% em 2016 (SEADE, 2016). Mais de 80% da população brasileira idosa vive em cidades e 60,1% tem alguma ocupação durante a semana (IBGE, 2014), demonstrando que essas pessoas têm se mantido ativas por mais tempo, com evidente atuação política, econômica e social.

Ao longo do envelhecimento, comumente ocorre uma perda progressiva dos laços entre membros da família e amigos, havendo uma tendência de diminuição no apoio dessa rede social, designada como o conjunto de relações sociais que um indivíduo mantém. Nesse sentido, as características pessoais e situacionais de um indivíduo influenciam e são influenciadas por seus relacionamentos, que se modificam com o passar do tempo, sendo maiores e mais diversas durante a juventude e menores na velhice (Kahn, & Antonucci, 1980). As relações sociais podem conter diferentes características estruturais, tais como o número de laços sociais, mas, também, aspectos qualitativos, como os níveis de suporte social (Kuiper, *et al.*, 2015).

Estudos científicos relatados por Charles e Carstensen (2010) destacaram que os relacionamentos positivos e significativos, especialmente aqueles selecionados durante o envelhecimento, são cruciais para a saúde, ao considerar qualidade de vida e bem-estar, aumentando as chances de viver mais e melhor, reduzindo situações de estresse, diminuindo ou retardando o aparecimento de doenças, melhorando a capacidade cognitiva, entre outros benefícios que promovem a felicidade e a satisfação com a vida.

Assim sendo, faz-se mister preservar os recursos sociais na velhice como fonte de suporte instrumental e emocional. Quando as pessoas são mais jovens, tendem a priorizar objetivos como a aquisição de novas informações, buscando experiências diversas ou expandir as redes sociais. Entretanto, à medida que envelhecem, percebem o tempo futuro como sendo mais limitado, deslocando o foco motivacional para a busca do bem-estar emocional e do sentido da vida. As limitações de tempo percebidas, e não a idade em si, levam as pessoas a buscarem parceiros emocionalmente próximos que ofereçam maior retorno emocional em relação aos parceiros sociais periféricos, otimizando o seu funcionamento afetivo e social (Fung, & Carstensen, 2006). Nesse contexto, o domínio ambiental exerce forte influência na qualidade de vida global dos idosos. O envelhecimento populacional mais longo, a baixa taxa de natalidade e as mudanças ao longo do tempo na forma como vivemos e ocupamos o espaço tem afetado como nos relacionamos com os outros e com a cidade. Vários estudos vêm demonstrando como a configuração urbana das cidades colabora para enfraquecer e diminuir as redes sociais dos moradores, atingindo mais ainda os grupos vulneráveis, tal como o dos idosos. Muitas interações sociais ocorrem na vizinhança, visto que o envelhecimento pode trazer mudanças biopsicossociais que resultam na restrição do raio de deslocamento dessas pessoas (Coulombe, *et al.*, 2016; Loo, *et al.*, 2017). Destarte, é fundamental morar em uma vizinhança que apresente condições que favoreçam ou fortaleçam a rede de suporte social na velhice. Idosos que vivem em ambientes inseguros são menos propensos a saírem sozinhos e, portanto, estão mais susceptíveis ao isolamento e à depressão, bem como a ter mais problemas de mobilidade e pior estado físico (Won, *et al.*, 2016).

O objetivo deste artigo será apresentar uma revisão narrativa de estudos sobre a relação entre o meio urbano e as relações sociais na velhice. Notou-se que há uma escassez de literatura científica sobre a temática em pauta. Foram buscadas informações visando a investigar aspectos tais como a influência do bairro na promoção da participação social do idoso, ou na sua exclusão e isolamento.

Diversos aspectos do espaço construído são comentados como potenciais fomentadores ou excludentes. Portanto, cabe ao arquiteto e urbanista analisar os recursos que mais impactam a população idosa ao planejar uma intervenção urbana na cidade.

Método

Bases e Estratégias de Busca

A busca por artigos foi realizada em diversas bases de dados, porém apenas foram detectados estudos na Urban Studies Abstracts, nos meses de setembro e outubro de 2016, restringindo-se aos artigos de línguas inglesa, espanhola e portuguesa publicados a partir de 2006 até 2016.

Os descritores utilizados foram “urbano”, “idosos”, “relações sociais”, “interações sociais”, “vizinhança”, “família”, “suporte social” e “ambiente”, traduzidos também para a versão espanhola e inglesa. O campo selecionado a se pesquisar foi “assunto”, utilizando “palavra” quando a opção original fosse inexistente. Fez-se uso do operador booleano “and” entre cada termo nos títulos e resumos.

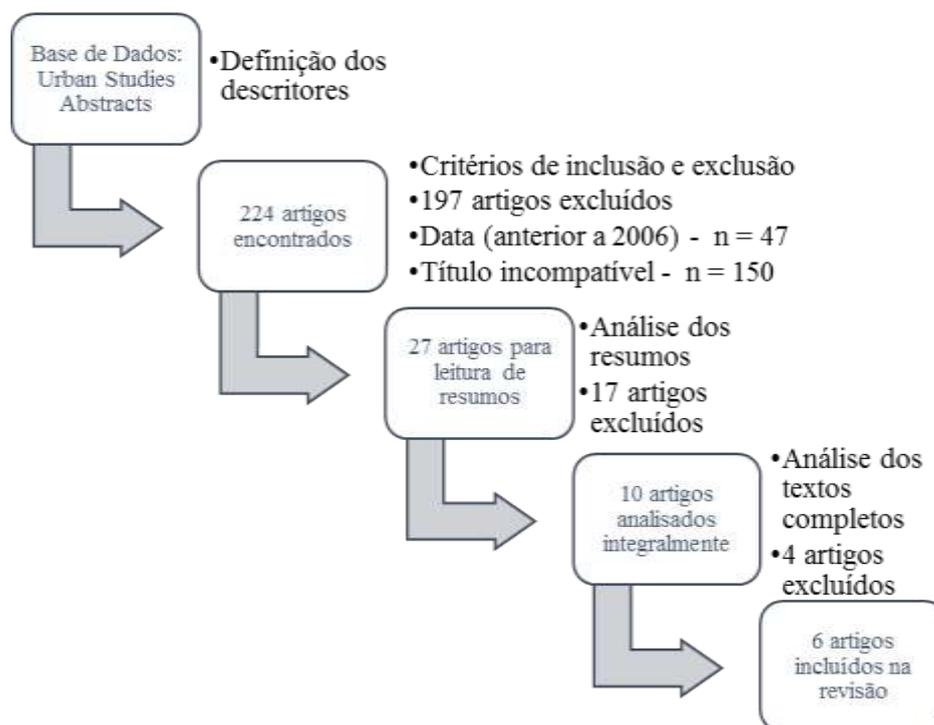
Critérios de Seleção dos Artigos e Extração dos Dados

Os artigos incluídos nessa revisão narrativa inicialmente deveriam preencher alguns requisitos a partir da leitura de seus resumos. Foram selecionados os seguintes critérios de inclusão: artigo completo, nacional ou internacional, em língua inglesa, portuguesa ou espanhola, datado de 2006 a 2016. Foram encontrados, então, 224 artigos, sendo utilizados os seguintes critérios de exclusão: data (anterior a 2006), título incompatível com o tema, repetição de artigos, eliminação após leitura dos resumos. Nesta fase, por se tratar de uma busca mais criteriosa, quando os resumos não fossem esclarecedores lia-se o artigo na íntegra, evitando a possibilidade de excluir textos importantes da revisão (Figura 1).

A seguir, apresenta-se inicialmente a relação entre redes sociais individuais e bairros desfavorecidos/desordenados e seus conceitos. Posteriormente, será destacada a questão do efeito da globalização nas comunidades locais de idosos.

Por fim, serão apresentadas pesquisas empíricas sobre a relação de idosos com seus bairros em diversos contextos.

Figura 1: Diagrama representativo da seleção de artigos



Resultados

Pautando-se nos descritores utilizados e nos critérios descritos na sessão anterior, foram encontrados 224 artigos potencialmente relevantes nas bases de dados.

Todavia, após a leitura dos resumos e dos textos completos, apenas seis artigos se adequaram aos critérios de inclusão e exclusão, sendo, então, utilizados como embasamento para este trabalho.

Os artigos estão descritos no Quadro 1 conforme título, autoria, ano, país de publicação e principais resultados. Os principais achados desses artigos estão descritos na próxima sessão.

Quadro 1: Descrição dos artigos selecionados

Título e autoria	Ano e País	Periódico	Considerações
<i>The 'elected' and the 'excluded': sociological perspectives on the experience of place and community in old age.</i> Phillipson, C.	2007 Reino Unido	<i>Ageing and Society</i>	A globalização vem criando novas divisões sociais entre os idosos, apoiados pelo espaço físico construído.
<i>Staying connected: neighbourhood correlates of social participation among older adults living in an urban environment in Montréal, Québec.</i> Richard, L., et al.	2009 Canadá	<i>Health Promotion International</i>	Acessibilidade percebida foi um recurso chave no nível de participação social dos idosos.
<i>Aging and Urbanization: The Neighborhood Perception and Functional Performance of Elderly Persons in Belo Horizonte Metropolitan Area-Brazil.</i> Ferreira, F.R., et al.	2009 Brasil	<i>Journal of Urban Health</i>	A maioria dos idosos estava satisfeita com seu bairro, mas apenas 18,4% confiavam em pessoas a seu redor.
<i>Does walkable mean sociable? Neighborhood determinants of social capital among older adults in Japan.</i> Hanibuchi, T., et al.	2011 Japão	<i>Health & Place</i>	Idade da comunidade e grau de urbanização estão ligados aos indicadores de capital social, mas não à caminhabilidade do bairro.
<i>Urbanism, Neighborhood Context, and Social Networks.</i> Cornwell, E. Y., Behler, R. L.	2015 Estados Unidos	<i>City & Community</i>	Idosos residentes em bairros desordenados têm redes sociais menores e mais fracas.
<i>The effectiveness of 'shared space' residential street interventions on self-reported activity levels and quality of life for older people.</i> Curl, A., Thompson, C.W., & Aspinall, P.	2015 Reino Unido	<i>Landscape and Urban Planning</i>	Ruas adequadas não influenciaram na melhora da qualidade de vida e saúde dos idosos.

Relações sociais em bairros desfavorecidos

As relações sociais são possíveis porque estão vinculadas a um lugar, e o padrão e a qualidade das habitações, interpretam as formas dessas relações. Nesse sentido, os bairros desfavorecidos refletem uma produção do espaço que se origina em um contexto de desigualdade e exclusão social, acumulando fatores de vulnerabilidade e desfavorecimento, tais como: emprego precário, desemprego, baixa renda, distância acentuada do trabalho e serviços, desestruturação familiar, baixo nível de escolaridade, baixa qualidade das moradias, espaços e serviços públicos deteriorados ou inexistentes (Gómez, 2006).

No presente estudo, um dos artigos detectados tratou da relação entre características socioeconômicas e culturais de bairros e as redes sociais de idosos. Cornwell e Behler (2015) conduziram uma pesquisa utilizando os dados do National Social Life, Health and Aging Project (NSHAP) nos Estados Unidos, que entrevistou 3.166 pessoas entre 62-91 anos de idade, para investigar se as condições do bairro influenciavam nas habilidades sociais e as redes de suporte de seus residentes. A pesquisa concluiu que idosos que moravam em bairros desfavorecidos, em que há altas taxas de pobreza e desemprego, baixo nível de educação e carência de serviços, têm redes sociais menores; no caso dos homens, verificou-se que interagem com menos frequência com membros da sua rede social, ao passo que mulheres se relacionavam com maior frequência e tinham relações mais próximas. Outro ponto importante é que moradores de áreas mais desordenadas, expressas através do abandono de edifícios, pichações, barulho, poluição, lixo nas ruas e violência, têm redes menores e com laços mais enfraquecidos, indicando que a desordem urbana atenua a coesão social no nível da vizinhança e a falta de recursos afeta negativamente as habilidades individuais de manter os laços sociais.

O efeito da globalização nas comunidades locais

A globalização favoreceu consequências diversas ao modelo territorial preexistente. As metrópoles regionais se transformaram em grandes centros de irradiação sistêmica, desencadeando uma nova concepção de metrópole.

A adaptação às novas funções mundiais de tais centros foi sendo realizada por meio de remodelação físico-territorial das cidades, muitas delas tradicionais centros urbanos nacionais, articulado com a construção de modernos edifícios e com uma arquitetura original e arrojada (Nunes, & Lacerda, 2016). Phillipson (2007) destacou a influência da globalização na escala do bairro e a importância do espaço construído no processo de envelhecimento, na construção da identidade pessoal e na qualidade de vida e bem-estar dos idosos, incluindo suas redes sociais. Para o referido autor, globalização “se refere aos mecanismos, atores e instituições que conectam indivíduos e grupos em diferentes nações”, tornando os países ligados uns aos outros além das tradicionais fronteiras e, respeitando padrões de troca, poder, regras e hierarquias.

Phillipson relatou pesquisas realizadas nos EUA e na Europa entre as décadas de 1950 e 1970 que já contavam com relatos de idosos sobre o impacto social das mudanças ocorridas em suas vizinhanças e a perda do senso de comunidade. Essa questão foi enfatizada, principalmente pelos idosos, por terem mais chance de residir no mesmo lugar por muitos anos e acabarem sendo mais afetados pelos efeitos da globalização a nível local, como senso de perda de identidade pessoal e comunitária e diminuição da coesão social, aspectos importantes para o envelhecimento.

Todavia, o estudo também descreveu um grupo de idosos que se beneficia da globalização para eleger o local onde viver durante sua velhice, dando menos importância à associação histórica com determinado local em favor da sua própria biografia e identidade, escolhendo conscientemente onde morar e com quem, de acordo com seu estilo de vida.

Percepção ambiental da vizinhança e relações sociais no Brasil, Japão, Reino Unido e Canadá

O ambiente físico é fator constituinte da formação de identidade social, sendo fundamental avaliar aspectos subjetivos inerentes à relação pessoa-ambiente, incluindo-se os significados e sentimentos atribuídos aos seus locais de moradia. Na presente pesquisa, dentre os seis artigos estudados, quatro tratavam da percepção ambiental do bairro em que idosos estavam inseridos e as relações sociais destes moradores.

Ferreira, *et al.* (2009) conduziram um estudo que avaliou o *status* funcional de idosos moradores da região metropolitana de Belo Horizonte e a sua percepção da vizinhança.

Participaram deste estudo 1.611 pessoas acima de 60 anos, sendo a maioria mulheres, por volta dos 70 anos de idade, casadas (ou vivendo com parceiro) e com baixo nível educacional. A maioria dos participantes relatou ao menos uma doença crônica (como hipertensão), usava remédios regularmente e era sedentário. Foram utilizados instrumentos para avaliar a *performance* funcional dos participantes em 15 atividades instrumentais da vida diária e a percepção da vizinhança através da “satisfação com a vizinhança, local de residência, confiança nas pessoas e preocupações ao deixar a residência, como medo de ser assaltado ou cair nas ruas por conta dos defeitos das calçadas” (Savage, Bagnall, & Longhurst, 2005 citado por Phillipson, 2007).

A pesquisa constatou que 47,1% dos sujeitos tinha dificuldade em ao menos uma atividade da vida diária. 84,0% estavam satisfeitos com sua vizinhança, mas apenas 18,4% confiavam nas pessoas próximas a elas. O medo de ser assaltado e de cair por conta das calçadas foi elevado, demonstrando a relevância que o espaço físico tem ao restringir a mobilidade dos idosos por falta de estrutura, inclusive inibindo algumas atividades, como fazer compras.

Outro estudo, realizado por Curl, Thompson e Aspinall (2015), no Reino Unido, demonstrou que intervenções urbanas podem causar mudanças, mesmo que pequenas, em alguns aspectos da vida de seus moradores. Em uma pesquisa longitudinal feita com 36 idosos ingleses acima de 65 anos, de sete cidades diferentes, que moravam em zonas residenciais que passaram por uma requalificação dos trajetos de pedestres nas ruas, dois grupos de idosos foram entrevistados: um grupo que mora na área de intervenção e outro que vive nas proximidades. Os resultados da pesquisa demonstraram que não houve diferenças significativas na saúde, qualidade de vida e nível de atividade dos usuários, porém houve um declínio na quantidade de tempo fora de casa. Também não se notou alterações nos níveis de relações sociais desses usuários, mesmo a participação popular tendo sido necessária para a implementação do projeto – acredita-se que os idosos que já eram socialmente engajados provavelmente foram os que participaram da execução do projeto, ou o envolvimento comunitário se deu apenas durante a obra e não teve continuidade depois.

Já a pesquisa realizada por Richard, *et al.* (2008), em Montreal, no Canadá, investigou a relação entre a facilidade de utilização do bairro e a participação social de idosos.

Os dados foram coletados através de entrevistas com 282 pessoas acima de 58 anos, com idade média de 71,5 anos, sendo a maioria mulheres. Verificou-se que maiores níveis de educação, satisfação com a vizinhança e senso de pertencimento estão associados a maiores níveis de participação social, enquanto mulheres, pessoas com problemas de visão, pessoas que recebiam pensões do governo e que moravam sozinhas interagiam menos, demonstrando que quanto mais recursos o indivíduo possui, maiores as chances de ser socialmente atuante.

Finalmente, o estudo de Hanibuchi, *et al.* (2012) averiguou a relação entre capital social, caminhabilidade, data de fundação e grau de urbanização de uma região do Japão. Usando dados de 9414 indivíduos com mais de 65 anos da Aichi Gerontological Evaluation Study (AGES), a análise dos resultados apontou que moradores de vizinhanças mais antigas e históricas apresentaram um capital social muito maior do que moradores de bairros novos, por conta dos anos de residência e da idade, mesmo que estes bairros oferecessem obstáculos para a caminhabilidade, como ruas estreitas, falta de calçadas e poucos espaços abertos. Áreas mais urbanizadas ofereciam mais recursos para a integração social, como associações e acesso facilitado a grandes cidades pela proximidade geográfica, demonstrando que a relevância histórica do lugar e a possibilidade de convívio com outras pessoas eram mais importantes para a promoção da participação social do que a caminhabilidade.

Discussão

O contexto social mais amplo molda as habilidades dos indivíduos para formar e manter laços estreitos de rede de suporte social. Os vínculos desenvolvidos nessas redes representam algumas das relações mais importantes na vida dos indivíduos, pois, amiúde, funcionam como a chave de apoio emocional, instrumental e social (Cornwell, & Behler, 2015).

Os trabalhos supracitados demonstraram que as condições da comunidade podem influenciar nas relações sociais de seus moradores, e mesmo com mudanças acontecendo nas cidades, alguns lugares mantêm a sua coesão social, ou seja, o vínculo emocional entre seus membros. Três aspectos importantes dos bairros ou vizinhanças podem estar ligados à coesão – o ambiente físico, o ambiente de serviços e o ambiente social. O capital social faz parte do ambiente social e “é definido como os recursos disponíveis a um indivíduo através das suas conexões sociais” (Hanibuchi, *et al.*, 2012).

Apenas em meados dos anos 2000 começou-se a investigar a relação do capital social com características do meio urbano, analisando-se itens como a caminhabilidade dos bairros, densidade, uso e ocupação do solo, acesso e conectividade a ruas e destinos, ambiente construído, e senso de comunidade (Hanibuchi, *et al.*, 2012). O ambiente construído pode ser um grande facilitador da mobilidade e contribuir, assim, para o bem-estar através da participação e do engajamento social, e da promoção de saúde física e mental. Gehl (2013) propôs que os espaços públicos devem ser projetados para atender as necessidades programáticas, físicas e psicológicas, e também expectativas do usuário, colocando-o como protagonista deste espaço. Contudo, tais locais podem se tornar um problema se não estiverem adequados para aqueles que possuem alguma incapacidade funcional.

Boas estruturas urbanas fomentam a participação social e mantém o cidadão produzindo (Ferreira *et al.*, 2009). Quando isso não ocorre, a habilidade e o desejo de usar e frequentar espaços urbanos diminui e pode levar ao isolamento, declínio da capacidade, aumento de doenças, pobreza, auto-avaliação de saúde ruim, inatividade e retraimento social. Pessoas que moram em regiões socialmente excluídas e com menos recursos sociais, econômicos, culturais e educacionais estão mais sujeitas à vitimização que ocorre por conta da desordem urbana e propensas ao estresse e à depressão (Kim, 2010), afetando severamente os idosos.

Bairros em transformação urbana e populacional (chamados de zonas de transição), vizinhanças com baixa densidade demográfica (compostas principalmente por residências unifamiliares) e bairros periféricos, são os locais com maior concentração de idosos excluídos. Outra forma de exclusão social no meio urbano se dá nas revitalizações de áreas degradadas ou desvalorizadas da cidade.

Várias cidades britânicas passaram por este cenário ao terem suas áreas centrais revitalizadas e totalmente comercializadas para “jovens profissionais bem-sucedidos trabalharem e viverem” (Nathan, & Urwin, 2005 citado por Phillipson, 2007), ignorando completamente a existência da população idosa que ali residia há anos. Essa postura acentua ainda mais as diferenças econômicas, sociais, étnicas, e até de idade, causando um enfraquecimento das relações sociais e com o lugar.

Apesar de ter aspectos negativos, a globalização trouxe pontos positivos para a vida do cidadão comum, entre elas, as trocas e as ligações transnacionais (com migrantes e imigrantes), novas formas de se relacionar através do uso da tecnologia e a criação de novas formas de morar na velhice, como as instituições de longa permanência, comunidades de aposentados, república de idosos, entre outros. Aqueles que são capazes de eleger onde e como viver na velhice encontram ligações entre suas histórias pessoais e o local escolhido, porém, se conectam principalmente à comunidade de pessoas que tomaram a mesma decisão (Phillipson, 2007). Esse movimento acontece especialmente após a aposentadoria, e é por isso que vemos algumas cidades com grande concentração de idosos. Países europeus também concentram uma grande quantidade de idosos que migram anualmente entre o país de origem e o de residência, mantendo, assim, duas redes de suporte social em locais distintos. Muitos aspectos da paisagem e da infraestrutura urbana são importantes na escolha do novo local de moradia, além de características socioeconômicas do bairro e da cidade. Essas novas propostas desafiam o senso de pertencimento e a integração com o ambiente.

Conclusão

Este artigo buscou apresentar o que vem sendo discutido em um período de dez anos a respeito da relação entre o ambiente construído na cidade e as relações sociais de pessoas idosas. Constatou-se que o espaço físico pode fomentar as relações ou causar seu enfraquecimento e diminuição, especialmente quando o indivíduo estiver exposto a locais desfavorecidos ou desordenados. A globalização também tem a possibilidade de influenciar na gentrificação dos locais ou na exclusão social, ao sustentar as requalificações urbanas que não pensam no morador antigo, e visam apenas à comercialização de algo novo para outras gerações.

Apesar das mudanças com relação ao como e onde envelhecer, ainda é muito comum em diversos países que a população mais velha tenha laços com o seu local de origem, seja essa ligação física ou social.

Por isso, é importante entender como se dá essa conexão, qual o nível de satisfação com a comunidade local e qual o grau de influência das construções no cotidiano das pessoas e na prática de atividades da vida diária, ressaltando sempre que o processo de envelhecimento é heterogêneo e que as demarcações administrativas do território nem sempre refletem o território de vida do indivíduo.

Pode-se afirmar que existem algumas características essenciais para que os bairros sejam promotores de uma vida social melhor, não só para idosos, mas para cidadãos de diversas idades. Entre elas estão a caminhabilidade, a diversidade de usos com comércios, serviços, instituições e áreas verdes nas proximidades, a pavimentação adequada das ruas e calçadas, sinalização, áreas de descanso com bancos, boa iluminação, acessibilidade a edifícios, condições para que grupos socioeconômicos diversos possam compartilhar o mesmo espaço, priorização do transporte público ao carro, moradias adequadas, entre outras. Novas ideias de criação do espaço devem priorizar o pedestre e transformar a cidade em um organismo vivo, ativo e sustentável, visto que são as pessoas na rua que promovem as trocas sociais (Gehl, 2013).

Sabe-se que o presente estudo apresenta limitações considerando pesquisas de diferentes países como EUA, Canadá, Brasil, Japão e Reino Unido, produzidas em diversos contextos sociais e com limitações próprias, e o uso de certos descritores e operadores booleanos podem ter limitado a busca por mais artigos. Todavia, existem poucas pesquisas que tragam a questão do desenho urbano como promotor das relações sociais, bem-estar e qualidade de vida na velhice, especialmente nos países em desenvolvimento. Apenas com o avanço da pesquisa no campo da gerontologia ambiental, será possível construir um embasamento científico para enfrentar as demandas vindas de uma sociedade cada vez mais envelhecida. É um campo que ainda necessita ser explorado e faltam profissionais dedicados a isso, o que justifica a busca das experiências de outros países na literatura internacional, através de teorias, conceitos e práticas que sirvam como referência para futuros pesquisadores.

- Kuiper, J. S., Zuidersma, M., Oude Voshaar, R. C., Zuidema, S. U., van den Heuvel, E. R., Stolk, R. P., & Smidt, N. (2015). Social relationships and risk of dementia: A systematic review and meta-analysis of longitudinal cohort studies. *Ageing Research Reviews*, 22, 39-57. Recuperado em 01 novembro, 2016, de: doi: 10.1016/j.arr.2015.04.006.
- Loo, B.P.Y., Lam, W.W.Y., Mahendran, R. & Katagiri, K. (2017). How is the neighborhood environment related to the health of seniors living in Hong Kong, Singapore, and Tokyo? Some insights for promoting aging in place. *Annals of the American Association of Geographers*, 0(0), 1-17. Recuperado em 01 novembro, 2016, de: <http://dx.doi.org/10.1080/24694452.2016.1271306>.
- Nunes, C. G. F., & Lacerda, N. (2016). Planejamento urbano, arquitetura e urbanismo: a serviços de uma outra geografia? Brasilmar Ferreira Nunes (em memória). *Sociedade e Estado*, 31, 989-1002. Recuperado em 01 novembro, 2016, de: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69922016.0spe0008>.
- Phillipson, C. (2007). The 'elected' and the 'excluded': sociological perspectives on the experience of place and community in old age. *Ageing & Society*, 27, 321-342. Recuperado em 01 novembro, 2016, de: <https://doi.org/10.1017/S0144686X06005629>.
- Richard, L., Gauvin, L., Gosselin, C., & Laforest, S. (2009). Staying connected: neighbourhood correlates of social participation among older adults living in an urban environment in Montreal, Quebec. *Health Promotion International*, 24(1), 46-57. Recuperado em 01 novembro, 2016, de: doi: 10.1093/heapro/dan039.
- Seade. (05 de outubro de 2016). *Informação dos municípios paulistas*. Fonte: SEADE: <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/>.
- Won, J., Lee, C., Forjuoh, S.N. & Ory, M.G. (2016). Neighborhood safety factors associated with older adults' health-related outcomes: A systematic literature review. *Social Science & Medicine*, 165, 177-186. Recuperado em 01 novembro, 2016, de: 10.1016/j.socscimed.2016.07.024.

Recebido em 29/05/2017

Aceito em 30/06/2017

Mariana Alves da Silva do Nascimento – Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestranda em Gerontologia na Universidade de São Paulo (USP). Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH).

E-mail: m.alves@usp.br

Maria Luisa Trindade Bestetti – Professora Doutora no Curso de Bacharelado em Gerontologia da Universidade de São Paulo (USP). Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH). Arquiteta (UFRGS), Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo (USP).

E-mail: maria.luisa@usp.br

Deusivânia Vieira da Silva Falcão – Professora Doutora nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Gerontologia, da Universidade de São Paulo (USP). Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH). Psicóloga e Mestre em Psicologia Social (UFPB). Doutora em Psicologia (UnB).

E-mail: deusivaniafalcao@gmail.com